

## UM ENCONTRO SOBRE ESPAÇO: DISCURSOS SOBRE POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA, PLANTAS DANINHA E NÃO QUISTO

### *AN ENCOUNTER ABOUT SPACE: SPEECHES ABOUT HOMELESS PEOPLE, WEEDS, AND THE UNDESIRABLE*

Natalia Negretti <sup>1</sup>

#### RESUMO

O objetivo deste texto é, a partir de três imagens, que chamo de obras, por seu caráter discursivo, problematizar o vínculo entre duas populações-símbolo, plantas daninhas e pessoas em situação de rua, por meio de um vinco em comum: não quisto. O texto busca compreender o encontro dessas fontes discursivas como elaborares sobre espaço e disputas, contemplando um diálogo sobre cidade nas suas variadas dimensões no que refere a convívio, desigualdade e territórios morais.

**Palavras-chave:** Populações; Símbolo; Pessoas em situação de rua; Plantas daninhas.

#### ABSTRACT

*The objective of this text is, based on three images, which I call works, for their discursive character, to problematize the link between two symbol-populations, weeds and people on the street, through a common crease: undesirable. The text seeks to understand the encounter of these discursive sources as elaborating on space and disputes, contemplating a dialogue about the city in its various dimensions about coexistence, inequality, and moral territories.*

**Keywords:** Populations; Symbol; Homeless people; Weed.

Tu plantaste a semente do meu mal  
Ensinaste-me a ser tão desigual  
Por isso vês em mim  
Tanto defeito assim  
Mas não é me ofendendo que serás feliz  
Eu sou erva daninha porque tu és a minha raiz  
(Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, 1976)

[...] o movimento da sociedade, isto é, o movimento da totalidade (e do espaço) modifica a significação de todas as variáveis constitutivas, também a do símbolo, porque este não segue o movimento. (SANTOS, 2006, p. 83).

---

<sup>1</sup> Atualmente é Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestra em Ciências Sociais pela PUC-SP. e-mail: [natalia\\_negretti@yahoo.com.br](mailto:natalia_negretti@yahoo.com.br)

O primeiro momento em que me debrucei sobre o tema que costura este texto foi motivo de um registro fotográfico. Como num encontro de símbolos e numa sequência e narrativa específicas, *praga, asfalto, daninha e resistência* eram palavras coladas em uma paisagem singular: uma parede de um complexo de centros de acolhida em São Paulo. A partir de três obras procuro problematizar<sup>2</sup> o vínculo entre duas populações-símbolo, plantas daninhas e pessoas em situação de rua, por meio de um vinco em comum: não quisto.

Lembrar esse lambe<sup>3</sup> e me debruçar em uma metáfora com envolvimento com uma paisagem compreendida nesta perspectiva como perpetuamente em construção (INGOLD, 1993) e não inerte (SANTOS, 1988), aproxima-se de uma tarefa proposta pelo mesmo autor. Atentar-se aos vínculos em diferentes dizeres dessas duas populações significa se aproximar do que o mesmo autor referenciou em entrevista à Clara Mafra (2014, p. 316) como um “falar de caminhos e movimentos, e de caminhos como movimento, ou seja, como linhas, mais do que como entidades”.

Por *população*, parto de saberes convencionados em torno de um conjunto de indivíduos da mesma espécie entrecruzado à noção de Michel Foucault (2008), para quem *população* significa “elemento fundamental na dinâmica do poder [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 90). A terminologia “em situação de rua”, empregada após o substantivo *população*, é destacada por Giorgetti como uma expressão e uma criação do serviço social do município de São Paulo “para delimitar as trajetórias (idas e vindas) e enfraquecer a ideia predominante e (pejorativa) de que se trata de pessoas de rua, que não têm outra característica senão o fato de pertencer às ruas da cidade” (GIORGETTI, 2006, p. 20).

Essa terminologia não encerra outras, como mendigos e moradores de rua; como veremos, as terminologias podem conviver contemplando ainda outras questões e situações em torno de permanência e tentativa de eliminação da presença de pessoas em situação de rua nas

---

<sup>2</sup> “problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma de reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.)” (FOUCAULT, 2004, p. 242).

<sup>3</sup> Vindo do “lambe-lambe”, essa intervenção contempla linguagens da arte urbana contemporânea.

idades. Tal convivência está emaranhada às dinâmicas urbanas, concreta e simbolicamente, de ações e respostas, desde a tentativa de negar corpos já desabrigados, como destaca Simone Frangella (2005, p. 200, grifo meu):

Uma vez que a utilização contingencial que habitantes de rua fazem dos espaços urbanos parece colocar os sentidos oficiais do “público” e planos e projetos urbanos em risco, cria-se uma incessante tentativa de negar os corpos já desabrigados. Estes, por sua vez, constroem reações diversas em uma contínua afirmação de sua permanência. Dessa forma, adentram em uma lógica circular, que tem como força motriz central a tentativa de sua eliminação.

Nessas ações de intervenção, “tecnologias de expulsão”, conforme a autora, estão articuladas práticas que materializam representações de ameaça criadas a respeito de pessoas em situação de rua. A criação de uma “arquitetura antimendigo” ancorada à opinião pública e administradores regionais teria surgido na década de 1990. Construção de grades em torno de igrejas e de árvores, óleo queimado espalhado em calçadas e em frente a comércios eram medidas e que conformaram paisagens de impedimento. Os centros de acolhida também conformam paisagens elencadas como abrigo à população em situação de rua. É por via dessa paisagem que podemos pensar em bem e mal querença.

**Figura 1:** Obra do Riachão (2017)



Fonte: Autora

A primeira Obra Chave que inicia essa discussão específica contempla o Lambe que dizia “A praga é o asfalto. Erva Daninha é resistência”. Se antes do *Riachão*, como denomino o complexo da primeira foto, as plantas já tinham um espaço significativo na Estação Sentinela<sup>4</sup> - Centro de Acolhida-chave, voltado para pessoas idosas em situação de rua em que desenrolei o campo de pesquisa de doutorado<sup>5</sup>, fora ali, que me deparei com um tipo de planta, amplamente conhecida, mas com suas diferenciações menos comuns; com uma gama de diversidade, mas com um nome – e qualitativo - popular: daninhas, que, como adjetivo, ecoa uma dimensão de nocividade e uma ação relacionada ao verbo daninhar. O *Riachão* era também um lugar em que as diferenciações entre a população em situação de rua eram apreendidas e se tornavam especificidades que dividiam as pessoas que utilizavam os distintos centros de acolhida, também chamados ali de pavilhões.

Ao anunciar resistência das daninhas e praga como asfalto, a intervenção brota uma discussão sobre as relações que circundam convivência e respostas frente à noção de normalidade; daninha, ao se emaranhar com dano e danoso, pode se relacionar a seres vegetais, animais, humanos e linguagem. Nesse sentido, tento empreender a este texto uma atenção às posições simbólicas das daninhas nos contextos de três obras – chamadas *Obra do Riachão*, *Obra Trevo* e *Obra jornalística*, com imagens e escritos - articuladas à população em situação de rua, também envolta de disputas de signos. Desse modo, a proposta é pensar duas populações-símbolo: uma população de plantas-símbolo, daninhas, e uma população humana-símbolo, em situação de rua.

Na apreciação frente à leitura da metáfora que me encantou, não fazer relações entre as palavras lidas naquela paisagem - e a partir dela - impingia dificuldade de apagar o que eu interpretava de tal lambe. Uma mensagem, chamada pelo autor, de Balbúcio e caracterizada

---

<sup>4</sup> Localizada em uma região de muitas disputas de significados em torno de populações e imersa a um histórico de processos de expulsão de determinados grupos.

<sup>5</sup> Talvez por uma trajetória composta por cultivar e fotografar plantas, no período de tal registro, aquelas já formavam um ponto de observação importante no que referia à relação entre tempo e pesquisa, bem como influenciavam escolha dos pseudônimos dos interlocutores. Mais tarde seriam elas motivo de observação quando submetidas a cuidados por algumas moradoras e principalmente o lugar literalmente em processos de subjetividade no fazer da pesquisa, a partir de fotografia e fitotipia.

como duas vezes malograda: “por parte compreende-se mal; mas, por outra [...] chega-se a compreender apesar de tudo; não está verdadeiramente nem na língua nem fora dela: é um ruído de linguagem” (BARTHES, 2004, p. 93).

Considerando as analogias simbólicas do lambe - 1- *A praga é o asfalto*; 2- *erva daninha é resistência* - a primeira evidencia que a caminhada na seara da existência dos desvalidos é extremamente dificultosa, anônima e não quista pelos padrões de normalidade; a segunda trata da importância de não esmorecer apesar da dureza desse mesmo “asfalto”, pois em tal aspereza há também sentido. Era aquela paisagem que formava a obra e a metáfora desta, que, conforme o mesmo autor, “remete à imagem de um organismo que cresce por expansão vital; por “desenvolvimento” (palavra significativamente ambígua: biológica e retórica)” (BARTHES, 2004, p. 72). Deste modo, a expansão desse lambe nessa paisagem conclama a população atendida, a arquitetura, a condição social, etc, e mostra fabularmente toda uma condição de existência e relações.

As plantas e a *Estação Sentinela* e, posteriormente, o *Riachão* junto do lambe da foto se aproximaram do que Anna Tsing (2015) denominou de um *lugar familiar na paisagem, tornando-se*, em campo, “os inícios da apreciação das interações multiespécies” (TISSING, 2015, p.181), bem como paisagens de reunião de “histórias humanas e não-humanas de perturbação” (TSING, 2018, p.369). Tim Ingold (2002) sugere que as formas de seres humanos, animais e plantas emergem no contexto de seu envolvimento mútuo. Em diálogo com ambos os autores, Tiago Mota Cardoso (2016), ao apresentar o dendê na paisagem por qual percorreu, mostra a associação entre aquele e abandono da roça.

Ao tratar, desse modo, das questões em torno de espaço e habitar, podemos inserir as daninhas à paisagem do *Riachão* e dos seus entornos. De ocupação para o que a *Obra do Riachão* define também como resistência, esse trajeto pode passar ainda pelo que Cardoso (2016) observou e nomeou como *feral*, que traz a noção de desobediência do dendê.

Tratar-se-iam de dialogarem com uma frase que se transformou em epígrafe de Félix Guatarri no livro as três ecologias: “*Existe uma ecologia das idéias danosas, assim como existe*

*uma ecologia das ervas daninhas*”<sup>6</sup>. De maneira polissêmica, as obras abordadas aqui se configuram e se fazem como o que Etienne Samain (2012) chamou de visualidades e representações figurativas diversas<sup>7</sup>, contemplando também regiões epistemológicas (FOUCAULT, 1999): biologia, economia e filologia<sup>8</sup>.

A seguir, como continuidade desse campo de discussão, apresento a segunda obra-chave.

**Figura 2:** Obra-Trevo



**Fonte:** Autora

Obra Trevo (*Oxalis corniculata*)/ São vistos como seres a serem controlados - Novembro de 2017 –  
Exposição SESC 24 de maio – Obra de Rosana Palazyan

---

<sup>6</sup> Frase de Gregory Bateson e disponível no livro *Steps to na ecology of mind*.

<sup>7</sup> “A sociedade se expõe e revela-se através de visualidades e de representações figurativas diversas. Não vamos limitar, dessa maneira, as imagens somente àquelas que presenciamos no dia a dia. Como antropólogo, quero observar as imagens na sua abrangência, sabendo que são singulares, mas que também estão inter-relacionadas. Ao lado das máquinas de imagens – fotografia, cinema, vídeo, infografia e seus satélites –, existem as pinturas, as esculturas, as instalações, os grafites” (FILHO, 2012, *Jornal da Unicamp*).

<sup>8</sup> “Numa primeira abordagem, pode-se dizer que o domínio das ciências humanas é coberto por três “ciências” — ou, antes, por três regiões epistemológicas, todas subdivididas no interior de si mesmas e todas entrecruzadas umas com as outras” (FOUCAULT, 1999, p. 491).

Na primeira ida ao SESC 24 de Maio, em novembro de 2017, num passeio rápido pela exposição *São Paulo Não É uma Cidade* chamou-me atenção o escrito perto dos trevos que compunha uma obra, que fotografei por lembrança da Obra do *Riachão*. Somente um tempo depois, mediante a vontade de escrever este texto, pude verificar que tal obra era de Rosana Palazyan e estava ligada a uma exposição denominada *Por que Daninhas?* Nela, a artista traça sua curiosidade interespecie e seres vivos não quistos

[...] minha curiosidade sobre as daninhas deu início ao ler que “algumas espécies de borboletas encontram-se em extinção em consequência do extermínio de plantas daninhas”. Então, o que é realmente uma planta daninha? O título *Por que daninhas?* questiona a terminologia utilizada para caracterizar seres vivos que são considerados indesejados. (PALAZYAN, 2015)<sup>9</sup>

Partindo das daninhas, as perguntas de Palazyan nos trazem possibilidade dessa discussão ser inserida no campo de relações entre espécies, linguagem (FOUCAULT, 1999) e num debate desse campo com cidades e ideias relativas à pureza e impureza conexas às normas e controles (DOUGLAS, 1991). Sarah Faria Moreno (2019) ao se debruçar, em sua pesquisa de mestrado, na relação entre humanos e pombos no Porto de Santos, atenta-nos sobre condições simultâneas; agente e símbolo. Em diálogo com Felipe Vander Velden<sup>10</sup> (2015), a autora segue as duas perspectivas. Sobre a segunda condição, que procuro desenvolver neste trabalho, cabe destacar a elaboração de Velden, que “aborda os animais como signos ou símbolos, como objetos – mas objetos de um tipo muito particular – por meio dos quais as sociedades humanas elaboram ideias, valores, discursos e opiniões a respeito de variados tópicos: gênero, nação, raça, parentesco, moralidade, hierarquia, escatologia” (VELDEN, 2015, p. 8).

Ao empreender foco na condição simultânea de *animal-agente* e *animal-signo* dos pombos, Moreno (2019) apresenta uma disputa territorial, das/nas cidades, e das/nas ruas. Justamente nesse ponto há um cruzamento em torno das perspectivas de nossas pesquisas e das

---

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.lucianacaravello.com.br/images/artista-rosana-palazyan/Rosana-Palazyan-Por-que-Daninhas.pdf>

<sup>10</sup> Sobre as relações “entre (animais) humanos e não humanos” VELDEN, 2015, p. 8), o autor destaca a questão da agência: “ou agentividade (agency) animal, que faz deles partícipes ativos, sujeitos, da vida social, e o animal tomado enquanto signo ou símbolo, e a questão do tratamento dos animais como indivíduos ou como coletividades de variadas naturezas”(idem).

obras aqui trazidas. Trago a citação de Moreno sobre arquitetura hostil e espécies:

As medidas anti-pombos dizem muito mais respeito de a quem é permitida a ocupação do espaço urbano. Para além de telas, espículas e fios tensores, outros exemplos que limitam os espaços são bancos projetados apenas para que se sente, e não se deite, ou pedras pontiagudas cravadas no solo abaixo de pontes e viadutos, desautorizando a permanência de *alguns humanos* (MORENO, 2019, p. 135, grifo meu)

A permanência e expulsão sobre *alguns humanos* trazidos na citação de Moreno (2019) enredam não só dinâmicas práticas como também elaborações simbólicas sobre determinados grupos humanos. Podem ser atribuições recebidas e autogeridas, tornando-se também híbridas, ao se articularem como respostas simbólicas em torno de processos de estigma e hierarquias frente a noções de humanidade e normalidade. A aproximação simbólica de *alguns humanos* a *animais* foi mostrada por Felipe Faria Brognoli (1996) ao tecer interlocução com caminhantes em Florianópolis. Na negociação de identidade dos interlocutores, apreendida pelo autor, “trecheiros e pardais articula, de certa forma um paradoxo que se expressa na tentativa de manter sua singularidade usando símbolos eleito pelos outros para conferir a si mesmos uma identificação e um reconhecimento” (BROGNOLI, 1996, p. 50).

279

As designações usadas pelos próprios andarilhos (trecheiros e pardais) servem como forma de estabelecer contrastes para que, deste modo, possam ressaltar *certas características suas que “julgam” importantes e que lhes conferiria, aos olhos dos outros*, se não uma legitimidade, pelo menos uma redução no grau de “periculosidade” que estes outros podem lhes atribuir (BROGNOLI, 1996, p. 51, grifo meu).

No que refere a este ponto é importante o diálogo com esta pesquisa em dois sentidos: 1) o lambe no Riachão, ao anunciar resistência das daninhas e praga como asfalto brota uma discussão sobre as relações em torno de convivência e respostas frente à noção de normalidade; 2) daninha, ao se emaranhar com dano e danoso, pode se relacionar a seres vegetais, animais, humanos e linguagem. Nesse sentido, tento empreender a este texto uma atenção às posições simbólicas das daninhas nos contextos de três obras – com imagens e escritos - articuladas à população em situação de rua, também envolta de disputas de signo. Assim, a proposta é pensar duas populações-símbolo: uma população de plantas-símbolo, daninhas, e uma população humana-símbolo, em situação de rua.

Em *Por que Daninhas?*, ao referenciar sua pesquisa com pessoas em situação de rua, a autora traz comparações em torno das frases sobre daninhas às que ouvia quando contava do

trabalho que desenvolvia com a população em situação de rua:

Frases como: “poderia crescer em seu lugar algo de uma beleza mais exuberante” ou “são vistas como inimigos a serem controlados” são muito semelhantes às palavras que ouvi de algumas pessoas, durante a pesquisa nas ruas e meu envolvimento com pessoas que vivem em situação de rua (PALAZYAN, 2015)<sup>11</sup>

É a partir da indagação, via linguagem, frente às duas populações que Rosana Palazyan apresenta sua reflexão sobre espécies a serem consideradas daninhas:

Qualquer espécie pode ser considerada daninha quando nasce onde não é desejada e compete por espaço e nutrientes com culturas economicamente produtivas” – esta frase me fez ampliar a reflexão sobre pessoas e plantas consideradas daninhas. *Qualquer um*<sup>12</sup> pode ser considerado “daninha” em algum momento ou inserido em algum contexto (PALAZYAN, 2015)<sup>13</sup>

“Qualquer espécie poder ser considerada daninha” nos leva à necessidade de nos debruçarmos sobre estas plantas. Robinson Antonio Pitelli (2015) destaca o aspecto utilitário como denominador das daninhas, aproximando-se diretamente da elaboração foucaultina de território epistemológico, já apresentado, e aproximação de não quisto. Ao utilizar também o termo *indesejabilidade*, Pitelli (2015) apresenta que “desde o início da agricultura e da pecuária, as plantas que infestavam espontaneamente as áreas de ocupação humana e não eram utilizadas como alimentos, fibras ou forragem eram consideradas indesejáveis” (PITELLI, 2015, p. 662). O autor nos mostra também sobre a expressão planta daninha:

*[...] não se refere a qualquer função biológica conhecida. As plantas que atualmente causam danos às atividades humanas, à saúde do homem e ao meio ambiente, quando ocorrendo fora de sua área de distribuição geográfica ou em tamanhos populacionais acima da capacidade- suporte do ambiente, têm várias designações compatíveis com sua função biológica, como: planta parasita, planta exótica invasora, planta pioneira, planta trepadeira, entre outras. No entanto, todas essas plantas têm um caráter comum: sua indesejabilidade no local, época e forma em que ocorrem (PITELLI, 2015, p. 662)*

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Interessante notar que, após encontrar a descrição da exposição da obra que anos antes vi, encontrei também uma exposição de 2020, com obras de Morgana Caroline e curadoria e texto de Pollyana Mattana, chamada *Erva Daninha*, relacionada às daninhas e população LGBTQI+. “Em meio a boa vegetação surgem incômodos, plantas que não são vistas como naturais para aquele ecossistema, invasores que são geralmente arrancados do jardim. É partindo desta analogia que a exposição *Erva Daninha*, aberta no dia 16 de fevereiro, cria uma metáfora entre a vegetação daninha e o ser LGBTQI+ no Vale do São Francisco” (Site Fala Petrolina, Notícia de Fevereiro de 2020) Disponível em: <https://www.falapetrolina.com/exposicao-erva-daninha-sera-realizada-em-petrolina/>

<sup>13</sup> Idem.

Leonardo Bianco de Carvalho (2013) define planta daninha como “qualquer planta que cresça espontaneamente em um local de atividade humana e cause prejuízos a essa atividade” (CARVALHO, 2013, p. 2). Sobre os estudos das daninhas, o autor os apresenta como Herbologia e Matologia, aderindo à sua perspectiva a segunda terminologia:

Ciência que estuda as plantas daninhas ainda não tem nome definido. Alguns autores e a Sociedade Brasileira da Ciência das Plantas Daninhas a denominam Ciência das Plantas Daninhas. Outros autores a denominam Herbologia, o qual não seria um conceito totalmente apropriado devido ao termo herbo referir-se à erva e ao fato de que nem toda planta daninha apresenta hábito herbáceo. Outros a denominam Matologia [...] A Matologia é uma ciência multidisciplinar, integrando muitas áreas do conhecimento, desde ciências básicas até ciências específicas de formação. O estudo das plantas daninhas engloba conhecimentos de: Biologia, Botânica e Ecologia [...] aliada a outras ciências, no estudo de fisiologia de herbicidas, dinâmica ambiental de herbicidas etc; Toxicologia, Sociologia [...] (CARVALHO, 2013, p. 23).

Sobre a terminologia *erva daninha*, utilizada na Obra do Riachão e na Obra Jornalística, que será apresentada a seguir, Carvalho (2013) atenta que “este termo, assim como comentado para o termo Herbologia, não está apropriado, pois nem toda planta daninha é *herbácea*, embora a maioria seja. Algumas plantas daninhas são *arbustivas* ou *arbóreas*, ocorrendo, neste caso, o uso indevido do termo erva daninha” (CARVALHO, 2013, p. 3). Nessa discussão, a distinção das daninhas quando erva e planta circunscreve aos distintos hábitos de crescimento. A forma de habitar/crescer é trazida por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) pela ideia de rizoma a partir de seis princípios<sup>14</sup>: Interessante notar no que concerne à linguagem a concepção dos autores:

Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, lingüísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos: não existe língua em si, nem

---

<sup>14</sup> Os princípios apresentados são de conexão e de heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania. Segundo os autores, “Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. Plantas com raiz ou radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica. Até animais o são, sob sua forma matilha; ratos são rizomas. As tocas o são, com todas suas funções de hábitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura. O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. *Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha. Animal e planta, a grama é o capim-pé-de-galinha*” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14).

universalidade da linguagem, mas um concurso de dialetos, de patoás, de gírias, de línguas especiais. Não existe locutor-auditor ideal, como também não existe comunidade lingüística homogênea DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 14;15).

A noção de rizoma fora difundida também em dois trabalhos que costuram o percurso deste texto, de Paola Berenstein Jacques (2001) e de Cristiano Rocha Piton (2005). Enquanto Jacques ao relacionar ocupação e cidade, quando se debruça na formação dos territórios urbanos, remete à *lógica do mato*<sup>15</sup> (JACQUES, 2001) favelas<sup>16</sup>, Piton traz em sua pesquisa – voltada à construção de interferências ambientais realizadas a contar de quatro elementos: abrigos, pessoas, trabalho e desejos – a imagem de uma intervenção do Grupo Poro<sup>17</sup> para atentar ocupação vegetal e humana:

[...] os locais onde a vegetação consegue vencer as barreiras e brotar nas falhas mínimas de um sistema rígido, como os abrigos construídos por moradores de rua, que utilizam as estruturas oferecidas por locais abandonados. Assim como os moradores de rua, que ocupam espaços públicos, adaptando abrigos provisórios nas estruturas preexistentes, o rizoma se apodera da árvore, transformando-a (PITON, 2005, p. 36)

Ocupar, que remete a um fluxo entre benvindo e não quisto foi motivo da terceira obra trazida a este texto, a qual chamo de Obra Jornalística, e apresento a seguir.

## Obra Jornalística

A legenda da Obra Trevo, *Visto como inimigos a serem controlados*, dialogaria tempos mais tarde com uma notícia de jornal. Ali, as perguntas e reflexões de Rosana Palazyan eram dinamizadas e tomavam também uma outra forma.

---

<sup>15</sup> “os abrigos das favelas ocupam um terreno vazio da mesma forma que o mato que cresce discretamente nas bordas e logo acaba ocupando a totalidade do terreno” (JACQUES, 2001, p. 105).

<sup>16</sup> A autora nos informa também que o termo favela vem do nome de um arbusto: *Jathopha phyllantha*.

<sup>17</sup> O Poro é definido no site como “uma dupla de artistas formada por Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada! Atua desde 2002 com trabalhos que buscam apontar sutilezas, criar imagens poéticas, trazer à tona aspectos da cidade que se tornam invisíveis pela vida acelerada nos grandes centros urbanos, estabelecer discussões sobre os problemas das cidades, refletir sobre as possibilidades de relação entre os trabalhos em espaço público e os espaços “institucionais”, lançar mão de meios de comunicação popular para realizar trabalhos, reivindicar a cidade como espaço para a arte”. Disponível em: <https://poro.redezero.org/apresentacao/>

Figura 3: Obra Jornalística



Fonte: Jornal JB Litoral online. Notícia do dia 13/04/2018

*“Eles estão em todos os lugares e nas mais diferentes situações. A dureza das ruas lhes tirou a vaidade e, por isto, andam sujos, usam roupas surradas e muitos fazem, da bebida e da droga, o alicerce para enfrentar o dia a dia. Nômades, nem sempre estão em bandos, mas não vivem sozinhos”.* Assim começava a notícia do jornal online JBLitoral que compôs a terceira obra-chave deste texto.

A notícia, com uma narrativa tecida por título e fotografia trazidos como terceira obra que trago aqui, não continha legenda na imagem, nem informação sobre quem fez o registro. Além disso, fazia uma mescla de terminologias utilizadas para referir uma das populações.

População em situação de rua é uma menção que visou politicamente desfazer a determinação de condição das pessoas que estão, por distintos períodos, vivendo nas ruas ou nos equipamentos públicos. O que essa notícia faz ao jogar *moradores* na terminologia *em situação de rua* é habitar outra palavra no mesmo título: *paraíso*. O grupo de seis pessoas está sob legendas não formais, próximo a árvores e grama. Se a notícia tinha dois índices principais em forma de texto, um assassinato cujas pessoas envolvidas estavam em situação de rua e, como desfecho, o pronunciamento de um vereador que qualificou a população em situação de rua como erva daninha, a imagem e título dialogaram com a narrativa escrita de maneira precisa.

Danoso, Daninha; Mendigos, moradores de rua, em situação de rua se aproximam à noção de que “nenhum lugar vive e em isolamento” (SANTOS, 2006, p. 150) socialmente. As idas e vindas e beiradas nesse assunto se dão a partir da noção de população e impertinência e da ideia de governamentalidade<sup>18</sup> de Michel Foucault (1979). Por esta, é possível situar pesquisas brasileiras que tem compreendido a análise das instancias estatais como processos. Pensar nas temporalidades em torno da população em situação de rua é uma maneira pela qual compreendo ser possível questionar o modo de formação de populações é atualizada conforme saberes, contagens e normativas, entrelaçadas a gestão. Como sugere Leirner (2003), por antropologia do Estado

Antes de pensar que os processos sociais começam e/ou terminam nesse objeto específico, trata-se de conceber o Estado como algo em formação e constante atualização, e não como um "dado". Assim, o Estado não se coloca somente como um agente da política (e esta, como fruto dele), e sim como a convergência de formas simbólicas, estruturas de apreensão do mundo e modalidades de efetivação deste a partir da ação. E um Estado que, ao mesmo tempo que se forma, se impõe: gesta e gerencia, mas é gestado e gerido. (LEIRNER, 2003, p. 195)

Partindo do entendimento das políticas públicas como elemento da administração pública, “uma das possíveis entradas para o estudo dos fenômenos reunidos sob o termo Estado” (SOUZA LIMA, 2012, p. 563), é possível acessar dimensões não oficiais destas políticas, uma maneira de compreender o Estado a partir de subjetividades que informam prescrições, valores

---

<sup>18</sup>“conjunto de instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que pretendem exercer esta forma bastante específica de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber, a economia política e, por instrumentos técnicos essenciais, os dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 1979, p. 291).

e controle. Uma análise que se atenta a diferenciações dessa administração, “nos permite ultrapassar a sensação de completude e totalização que a ideia de Estado carrega” (idem). Na não totalização, as margens são importantes na para a perspectiva de processos de Estado também por incidirem numa não estabilidade na combinação de “elementos variados que se combinam na configuração de arranjos para governamentalidades específicas” (FARIAS, 2014, p. 35).

Os elementos que balizam constantemente a governabilidade específica da população em situação de rua aparecem na reportagem por meio dos termos assistencialismo e segurança

*Em Paranaguá é fácil encontrá-los cuidando de carros e pedindo o famoso “trocado”, nas portas de panificadoras e restaurantes, dormindo debaixo das marquises e até nas areias do gramado do Rio Itiberê. Alguns já fizeram de dormitório a entrada da Viação Graciosa, a calçada da Casa China e até debaixo do viaduto José Vicente Elias. Sobrevivem das esmolas doadas pelos que desejam se livrar do “incômodo”, medo de verem seu carro riscado e, no caso das mulheres, o temor pela sua segurança.*

*Diante de toda esta liberdade e sem nenhuma ação efetiva do Poder Público, a não ser o assistencialismo por meio do Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua (Centro POP), na manhã quinta-feira (05), chegou ao ponto de retirar um dos seus, do interior da panificadora mais popular da cidade, para desferir 17 facadas.*

*Foi o suficiente para reduzir, em uma vida, a população dos moradores em situação de rua, “erva daninha”, como caracterizou o Vereador Nóbrega (PRTB) na noite após o assassinato.*

*“É preocupante a situação que vivemos hoje porque a cidade se tornou um barril de pólvora. Eu citei a erva daninha para ficar muito mais fixado na mente da população. O morador de rua veio de uma forma a Paranaguá, que se sentiu tão a vontade, chegando ao ponto de executar o próprio companheiro dele”, disse o vereador (Falta de política pública fez de Paranaguá um paraíso, aos moradores em situação de rua. JBLitoral, 13/04/2018)<sup>19</sup>*

Na Obra Jornalística podemos observar a noção do feral (CARDOSO, 2016) articulada a população em situação de rua-símbolo. Se em fluxo, na mobilização do vegetal, por parte do vereador, há espaço para deixarmos crescer perguntas sobre a falta de agência que este atribui às daninhas ter sido um motivo de comparação, há também espaço para ocuparmos com a questão da “danosidade” atribuída à população em situação de rua.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.jblitoral.com.br/moradores-de-rua/>

[...] um jardim não é uma tapeçaria; arrancando todas as ervas daninhas, o solo fica empobrecido. Para que permaneça fértil, o jardineiro deve, de certa maneira, repor o que tirou: transformar as ervas daninhas e a relva aparada em húmus (DOUGLAS, 1999, p 119).

Tim Ingold (2002) também trata da questão de crescimento. Ao referir atividades exercidas por pessoas em torno e com outras espécies, tais como plantio, remoção de ervas daninhas, bem como cuidados de animais, o autor defende que a relação humana com estes se dá a partir de condições para seu crescimento: não há produção, mas o estabelecimento de condições ambientais. O autor faz uma apresentação sobre as relações entre de coleta e cultivo; caça e criação, a partir também do tempo sob o prisma de duração.

Para Ingold, as ervas daninhas podem se tornar cultiváveis e os animais domésticos podem se tornar selvagens. O envolvimento humano, no sentido de estabelecimento de condições para o crescimento, na perspectiva do autor, pode variar ao longo do tempo: *“Weeds can become cultigens, erstwhile domestic animals can turn feral. Moreover a crucial variable, I would suggest, lies in the temporal interlocking of the life-cycles of humans, animals and plants, and their relative durations”* (INGOLD, 2002, p. 86) .

Ao propor *a natureza humana como uma relação entre espécies*, Anna Tsing (2015) traz uma elaboração em torno de coleta e cogumelos. Quanto à domesticação a autora defende que há variadas teias nas quais “nós humanos nos enredamos. A domesticação é geralmente compreendida como o controle humano sobre outras espécies. Que tais relações podem também transformar os humanos é algo frequentemente ignorado”. (TSING, 2015, p. 184).

Em diálogo com ambos os autores, Tiago Mota Cardoso (2016), em sua tese de doutorado, se voltou à habitabilidade dos lugares. O autor, realizou uma “antropologia andarilha” pelas paisagens habitadas por Pataxós “e por outros modos de vida” (CARDOSO, 2016, p. 29), durante o período em que habitou a aldeia Barra Velha no Monte Pascoal. Ao cartografar percursos, descreveu etnograficamente “modos como lugares e paisagens são feitos e desfeitos a partir da polifonia dos encontros entre vidas em movimento” (idem). Para tanto, o autor parte da ideia de paisagem “descartando-a como a totalidade do mundo natural ou como

representação distante, passiva, nos movendo para olhar a paisagem como protagonista da história, como a materialização do entrelaçamento dinâmico entre lugares” (CARDOSO, 2016, p. 505). Nesse sentido, Melo sugere que paisagens possam ser compreendidas como “sedimentos das atividades de humanos e outros modos de vida, situados e coordenados no mundo das relações e fricções, mas ao mesmo tempo contingente e abertas a novas formas emergentes e possibilidades indeterminadas” (idem).

Ao apresentar o dendê na paisagem caminhada, o autor mostra a associação entre aquele e abandono da roça. Ao tratar, deste modo, das questões em torno de espaço e habitar, podemos inserir as daninhas a esta paisagem. De ocupação para o que a Obra do Riachão define também como resistência, esse trajeto pode passar também pelo que Cardoso (2016) observou e nomeou como *feral*, que traz a noção de desobediência do dendê: não obedece necessariamente aos ditames do senhorio humano – quando em correspondência com muitas outras criaturas como pássaros, roedores, reptéis e animais “domésticos”, principalmente com o urubu (CARDOSO, 2016, p.273).

A frase da Obra do Riachão - *A praga é o asfalto, erva-daninha é resistência* – também fora encontrada em uma placa na Horta do Centro Cultural São Paulo e descrita por Mariana Luiza Fiocco Machini (2018) em sua dissertação de mestrado, voltada à análise de hortas urbanas:

[...] inverte uma lógica corrente de que as plantas chamadas daninhas devam ser dizimadas para que os cultivos da monocultura prosperem. *E o que explicita também que por mais que persista e impere o asfalto, ele nunca é capaz de impedir por completo fluxos de vida. Mesmo a “praga” do asfalto é repleta de fissuras que possibilitam a resistência das ervas “daninhas”* (MACHINI, 2018, p.111, grifo meu).

Quando mostra que na horta é difícil estabelecer fronteiras de plantios – humano e o que veio “da natureza”- a autora apresenta essa paisagem cultivo como resultado de interações. Sobre ocupações na e da horta:

[...] assim como as “ervas daninhas” são plantas que indicam o estado de saúde do solo e podem ser vistas como comestíveis abandonadas pelo processo de simplificação da alimentação, ou seja, de “daninhas” só sua fama, as chamadas “pragas” não existem. Ainda melhor, a proliferação de determinada espécie ou indica forte desequilíbrio existente dentro daquela microfauna, ou apenas demonstra que aquele ambiente está propício para sua alimentação e reprodução (MACHINI, 2018, p.125)

A partir das apresentações sobre paisagem e um determinado caminho das relações interespecies nas cidades, importante frisar que no pronunciamento do vereador sobre uma vegetalização da população em situação de rua, o conteúdo noticiário mostrava mais uma face frente as controvérsias do significado de humano. Dispostas como a um vegetal tais pessoas não teriam, naquele discurso, espaço para se sentir tão à vontade. À *vontade* é relacionado a uma ideia de matar um dos seus. Aqui há a uma forte ideia de *outros* no que refere a espécie humana e aproximação entre as duas populações; plantas daninhas e população em situação de rua. O *fixar na mente da população* dialoga diretamente com a daninha-símbolo. Sua eficácia é mencionada pelo vereador através de outra: a da população em situação de rua- símbolo, invasora de espaços. No sentido de ocupar e fazer crescer, a ideia da *Obra Jornalística* é que as pessoas em situação de rua, ao sobreviverem de esmolas, estão inseridas num fluxo calcado pelo temor de quem doa e deseja se livrar, nas palavras da reportagem “do incômodo, medo de verem seu carro riscado e, no caso das mulheres, o temor pela sua segurança”.

Mesmo que diferentemente da *Obra Jornalística*, as obras *Riachão* e *Trevo*, ao elaborarem discursivamente resistência às daninhas-símbolo em contextos urbanos, dissertam também sobre ocupações interespecies e encaram também diferenciações entre seres da mesma espécie. Ao mesmo tempo que estas obras denunciam estigmas atribuídos às daninhas, o fazem frente ao não quisto multiespécie. Com estas obras, a partir das daninhas-símbolo, há frestas potenciais e espaço para crescimento de perguntas e visibilidades, para além de afirmação de humanidades.

Se na *Obra Jornalística* as daninhas estão próximas de uma elaboração em torno população humana não quista, nas obras *Trevo* e no *Riachão*, há uma articulação de bem querença do não quisto. A contar das simbologias das duas populações nas três obras, é possível ocuparmos espaço com questionamentos mais abrangentes no que concerne a tais obras quando encaradas a partir também da discussão sobre relações entre espécies. Se na *Tela*, a aproximação ao não humano funciona como não quisto a partir da falta de política pública, nas obras *Riachão* e *Trevo*, não quistos são encarados como políticas; as intervenções práticas e simbólicas são trazidas nestas obras.

É aqui que a matologia também pode ser trazida. A partir do *não quisto* há possibilidade de se atentar não a uma paisagem de falta, mas a uma paisagem que contempla presença e existência de políticas hostis (MORENO, 2019) intraespécie e arquitetura anti mendigo (FRANGELLA, 2005) com “restrições espaciais e constrangimentos simbólicos e morais” (FRANGELLA, 2005, p. 201). Neste percurso, se são atribuídos às daninhas-símbolo expressões e sentidos de violência e passividade, poderíamos partir de uma perspectiva em que nessa simbologia se planta socialmente elaborações sobre desigualdade e diferença no construir espécies.

### **O Riachão e Suas afluições: paisagem de elaborações sobre o não quisto**

David Le Breton (2007) aponta uma dialética entre linguagem e percepções. Para o autor, o papel da linguagem na elaboração desta última é o que ele chama de “provavelmente decisivo” num movimento em que as coisas só se tornam reais ao entrar no registro do idioma. O percurso deste texto visou traçar um início de caminhada pelas paisagens que vinculam população em situação de rua e plantas daninhas ao não quisto.

A frase da Obra Riachão - *A praga é o asfalto, erva-daninha é resistência* também aponta uma de inversão de lógica e fomenta fluxos de vida. Partir de uma matologia de *não quisto* traz uma possibilidade de se atentar a uma paisagem reflexiva de dinâmicas das cidades. Paisagem esta que contempla a disputa de políticas de não crescimento, marcadas por “restrições espaciais e constrangimentos simbólicos e morais” (FRANGELLA, 2005, p. 201) e respostas que crescem. Nas daninhas-símbolo, uma previsão da paisagem da questão desigualdade/diferença também diz respeito ao tempo. Pela matologia urbana, pode se fazer crescer memória, dinâmicas de olhar a cidade e conviver com a noção de que cortar pela raiz, no caso das daninhas, é sempre mais difícil.

Além das fronteiras do que significa “ser humano” não serem rígidas e as características, socialmente partilhadas, de outras espécies construírem analogias identitárias na paisagem citadina, não ser quisto traz uma duplicidade e agência: o discurso frente a uma marginalidade, ante uma cidadania formal, não somente convive com o da resistência da exclusão, mas o articula. As daninhas-símbolo estão em discursos sobre ocupar. Deste modo, junto da população

em situação de rua- símbolo, ao ocuparem e indicarem a relação existente entre espaço e sociedade se aproximam também do que Milton Santos (2006) chamou de geografia moral, política. Mesmo com todas as precauções de controle desse jardim, que chamamos cidade, a erva daninha continua a impor sua presença, disputando recursos e espaço como agente e como símbolo; em sua seara, cresce; nesta disputa a daninha-agente continua, independentemente das nossas noções de bem e mal; como símbolo, entretanto, marca noções e registros de idioma de ambos os qualitativos.

## REFERÊNCIAS

BAILÃO, André. 2016. Paisagem - Tim Ingold. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>>

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BATENSON, Gregory. **Steps to an ecology of mind**. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data. 1987.

BROGNOLI, Felipe Faria. **Trecheiros e Pardais**: estudo etnográfico de nômades urbanos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

CARDOSO, Tiago Mota. **Paisagens em transe**: uma etnografia sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

CARVALHO, Leonardo Bianco de. **Plantas Daninhas**. Editado pelo autor, Lages, SC, 2013 vi, 82 p.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Tradução de Sónia Pereira da Silva. Edições 70. Lisboa, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 /; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro : Ed. 34, 1995 94 p. (Coleção TRANS).

FARIAS, Juliana. **Governo de Mortes**: Uma etnografia da gestão de populações de favelas no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. — 8a ed. — São Paulo : Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Colledge de France (1977-1978) / Michel Foucault; edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. - São Paulo : Martins Fontes, 2008.

FILHO, Manuel Alves. **Entrevista com Etienne Samain**. Jornal da Unicamp. Dez/2012. Disponível em: [https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju\\_550\\_pagina\\_12\\_121218\\_web.pdf](https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/jornal/paginas/ju_550_pagina_12_121218_web.pdf)

FRANGELLA, Simone Miziara. **Moradores de rua na cidade de São Paulo: vulnerabilidade e resistência corporal ante as intervenções urbanas**. **Cadernos Metrôpole**, N. 13, pp. 199-228, 1o sem. 2005.

GIORGETTI, Camila. **Moradores de Rua: uma questão social?** São Paulo: FAPESP/EDUC, 2006.

INGOLD, Tim. **Pare, olhe, escute!" – um prefácio**. Ponto Urbe [Online], 3 | 2008, posto online no dia 14 agosto 2014, consultado o 19 julho 2020. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1944>.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment**: Essays on livelihood, dwelling and skill. Taylor & Francis e-Library, 2002.

INGOLD, Tim. **Temporality of the landscape [1933]** In: T. Ingold, **The Perception of the Environment. Essays in livelihood, dwelling and skill**, Londres, Routledge, 2000

INGOLD, Tim. **Landscape or Weather-World?** In: Tim Ingold, **Being Alive. Essays on movement, knowledge and description**, Londres, Routledge, 2011 (Trad. Bras. Estar Vivo. Ensaios sobre Movimento, Conhecimento e Descrição, São Paulo, Ed. Vozes, 2015)

JACQUES, Paola B. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

JANOWSKI, Monica & INGOLD, Tim (orgs.), **Imagining Landscapes. Past, Present and Future**, Londres, Routledge, 2012

LE BRETON, David. **El sabor del mundo. Una antropología de los sentidos** - l'ed.-Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

LEIRNER, PIERO. A formação do Estado numa perspectiva antropológica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.32, p. 194-200, 2003

MACHINI, Mariana Luiza Fiocco. **Nas fissuras do concreto: Política e movimento nas hortas comunitárias da cidade de São Paulo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2018.

MAFRA, Clara et al. A Antropologia como participante de uma grande conversa para moldar o mundo. Entrevista com Tim Ingold. **Sociologia & Antropologia**, v. 4, n. 2, p. 303, 2014.

MORENO, Sarah Faria. **Presenças incômodas no Porto de Santos: uma etnografia das relações entre humanos, pombos, grãos e outros sujeitos**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de São Carlos, 2019.

PITELLI, Robinson Antonio. O termo planta-daninha. **Planta daninha**, Viçosa , v. 33, n. 3, p. 622-623, Sept. 2015 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-83582015000300622&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-83582015000300622&lng=en&nrm=iso)>. access on 17 July 2020. <https://doi.org/10.1590/S0100-83582015000300025>.

PITON, Cristiano Rocha. **Sobre homens invisíveis: interferências ambientais**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais. Faculdade de Belas Artes. Universidade Federal da Bahia, 2005.

SAMAIN, Etienne. **Gregory Bateson, Rumo a uma epistemologia da comunicação. Ciberlegenda**. Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual (UFF), n. 5, p. 1-14, 2001. Disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/etienne\\_samain\\_unicamp/wp-content/uploads/2020/02/2001\\_Gregory\\_bateson\\_epistemologia\\_da\\_comunicacao\\_Etienne\\_Samain.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/wp-content/uploads/2020/02/2001_Gregory_bateson_epistemologia_da_comunicacao_Etienne_Samain.pdf)

SAMAIN, Etienne. Antropologia de uma imagem “sem importância”. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 047-064, jan. 2003. ISSN 2175-8034. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15241/15357>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, Milton. A responsabilidade social dos geógrafos. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, [S.l.], v. 6, dec. 2002. ISSN 2177-2738. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/18530/12069>>. Acesso em: 23 sep. 2020.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos. Apresentação Dossiê Fazendo Estado: O estudo antropológico das ações governamentais como parte dos processos de formação estatal. **Revista de Antropologia**, USP, vol. 55, nº 2, 2012, pp.559-564.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha** v. 17, n. 1, p. 177-201, jan./jul. 2015.

TSING, Anna. Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos). Traduzido por Filipi Pompeu e Mariana Canazaro Coutinho. In: **Cadernos do Lepaarq**, v. XV, n.30., p. 366-382, Jul-Dez. 2018.

VANDER VELDEN, Felipe. Apresentação ao dossiê: Animalidades plurais. **R@u**, v. 7, n. 1, p. 07-16, 2015.

VELHO, Otávio, “De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico”, **Maná**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2001, p. 133-140.